

PAISAGEM NA GEOGRAFIA CULTURAL: UM TEMA A SER DESBRAVADO

LANDSCAPE IN CULTURAL GEOGRAPHY: A THEME TO BE EXPLORED

Ana Claudia Malgaresi Adamante¹

Resumo

A polissemia do conceito chave paisagem, mesmo dentro da epistemologia da geografia cultural, apresenta diferentes metodologias de abordagens, concepções e relações. Por se tratar de um termo ambíguo, visando atingir a precisão exigida pela ciência, as tentativas de defini-lo têm sido desafiadoras. O objetivo do trabalho é introduzir o percurso da geografia cultural e o conceito de paisagem para discentes novatos nos cursos da Geografia. Para tal, busca-se através de pesquisa qualitativa exploratória de revisão de literatura reunir interpretações do conceito dentro da abordagem da Nova Geografia Cultural. Parte-se da premissa que paisagem cultural é o produto da intervenção de uma sociedade sob a natureza no decorrer da história, imprimindo múltiplos patamares de significados - formas simbólicas densas de valores e memórias - na paisagem. Decodificar os significados é tarefa do geógrafo, o estudo vai além da morfologia, permitindo estudar outras realidades culturais, pois a paisagem está em toda parte.

Palavras-chave: Símbolo, Memória, Decodificar, Significado.

Abstract

The polysemy of the key concept of landscape, even within the epistemology of cultural geography, presents different methodologies of approaches, conceptions and relationships. Since it is an ambiguous term, attempts to define it have been challenging in order to achieve the precision required by science. The objective of this work is to introduce the path of cultural geography and the concept of landscape to new students in Geography courses. To this end, through exploratory qualitative research and literature review, we seek to gather interpretations of the concept within the approach of New Cultural Geography. The premise is that cultural landscape is the product of a society's intervention in nature throughout history, imprinting multiple levels of meanings - symbolic forms dense with values and memories - on the landscape. Decoding the meanings is the task of the geographer, the study goes beyond morphology, allowing the study of other cultural realities, since the landscape is everywhere.

Keywords: Symbol, Memory, Decode, Meaning.

¹ Mestre em Geografia | UFPR. Doutorando em Arquitetura e Urbanismo | UFSC
<https://orcid.org/0009-0007-0809-7440>, anadamante@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da geografia como disciplina acadêmica no século XIX, a definição de seu objeto de estudo tem sido marcada por debates e desafios. Cosgrove (1998) destaca que a busca por um conceito capaz de refletir a "especificidade e identidade" de áreas na superfície terrestre envolve reconhecer uma "unidade na diversidade de fenômenos", o que torna a geografia singular e interdisciplinar. Esse esforço de síntese entre os elementos da natureza e os da sociedade fundamenta a complexidade epistemológica da disciplina, mantendo vivo o questionamento sobre o que a geografia realmente é. A resposta a essa questão direciona o olhar analítico e os prismas através dos quais os dados são interpretados (COSGROVE, 2004; SAUER, 1997).

No processo de afirmação da geografia, o conceito de paisagem emergiu como um eixo central para conferir identidade e coesão à disciplina (CORRÊA, 2002). Entretanto, a paisagem, ao longo do desenvolvimento da geografia cultural, adquiriu diferentes interpretações e significados, sendo um dos termos mais polissêmicos e contestados no campo. Como observa Cosgrove (2004), a paisagem é apenas um entre vários conceitos elaborados pela geografia em sua tentativa de delimitar e especificar seu objeto de estudo.

Este trabalho explora o percurso conceitual da paisagem no âmbito da geografia cultural, enfatizando as múltiplas abordagens que configuram seu significado. A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter exploratório, baseia-se em revisão de literatura e tem como objetivo principal introduzir e esclarecer o conceito de paisagem para discentes em níveis de graduação e pós-graduação. Reconhecendo a amplitude discursiva e bibliográfica sobre o tema, busca-se oferecer uma introdução acessível que sirva como base para futuros estudos mais aprofundados e especializados.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Buscando atingir o objetivo proposto inicialmente para o presente trabalho, de abordar o termo paisagem dentro da visão da geografia cultural tendo como público-alvo os discentes novatos nos cursos de graduação e pós-graduação na área da geografia, a pesquisa foi desenvolvida buscando entender o estado da arte sobre a temática proposta.

O estado da arte é a parte visceral da pesquisa, em que o objetivo é "localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia" em revistas científicas, livros, anais de congressos, resumos relacionados com a área de estudo. Trata-se de uma análise bibliográfica minuciosa, referente aos trabalhos já publicados sobre a temática (BENTO, 2012).

Dessa forma tem-se uma ideia sobre o estado atual dos conhecimentos, consequentemente fica mais fácil definir o problema de pesquisa, descobrir novas linhas de investigação e novas perspectivas metodológicas, além de possibilitar a identificação de investigações futuras.

Dito isso, a parte prática da pesquisa teve início com a definição das palavras-chaves, “paisagem cultural” e “geografia cultural”. Para o levantamento das fontes secundárias foram definidas diferentes plataformas de busca online, tais como: Google Acadêmico, Portal de Periódicos de algumas universidades da área da geografia cultural e humana, Plataforma da Capes (teses), Portal de Periódicos da Capes, ENANPUR.

O discurso e a revisão de literatura sobre o assunto são exponenciais, com os resultados do levantamento criou-se uma extensa base de dados com artigos, dissertações e teses. Buscando identificar as fontes primárias em comum do material recolhido foi feita a análise de referências cruzadas. Esse processo permite refazer o percurso dos autores e identificar a origem dos seus pensamentos, quem inspirou as suas ideias. Dessa forma, nota-se que vários autores se repetem, confirmando e reforçando a relevância de suas produções dentro do discurso da temática (DINIZ, 2009).

A partir disso, uma lista foi elaborada com as fontes primárias. Elas foram selecionadas e classificadas de acordo com o grau de relevância e a relação com o tema. Importante reforçar que ainda assim a abordagem feita nessa pesquisa abarca uma pequena parte introdutória e superficial de toda a produção acerca da temática.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Geografia Cultural

A Geografia Cultural teve sua gênese na Europa, no final do século XIX e início do século XX. Surgiu da diversidade de gêneros de vida e das paisagens, e passou por um percurso tortuoso atingir o dinamismo dos dias atuais. O conceito de cultura, que a difere das demais geografias, foi se moldando conforme influências metodológicas e o momento histórico dos países berços do desenvolvimento da Geografia Cultural. De acordo com Claval (2007), essa evolução ocorreu inicialmente de forma mais rápida, porém não no mesmo formato, na Alemanha, França e Estados Unidos.

A introdução da cultura como essência da geografia se deu na Alemanha, no final do século XIX, com Friedrich Ratzel. Como resultado da sua experiência nos Estados Unidos da América, escreveu uma obra sobre as questões da geografia norte-americana, cujo tomo II é

intitulado “A Geografia Cultural dos Estados Unidos da América”, onde o termo geografia cultural é empregado pela primeira vez. Influenciado por Alexandre de Humboldt e Carl Ritter – este último ocupou a primeira cátedra acadêmica de geografia e estudou a atividade humana e sua adaptação na ocupação do meio - Ratzel cria uma nova visão da geografia, a qual foca na distribuição dos homens e das civilizações. Ele nomeia esse novo capítulo da geografia de *antropogeografia* e, de acordo com Büttman (1977), deveria seguir 3 princípios: descrever as áreas onde os homens vivem e mapeá-las; buscar entender as causas geográficas da distribuição humana no planeta; e compreender a influência da natureza sobre seus corpos e espíritos (CLAVAL, 2007; SAUER, 1997).

Ratzel defende que as relações que os homens criam com seu ambiente e os problemas que nascem dos seus deslocamentos dependem das técnicas que dominam. Ou seja, o meio físico, as condições de clima e de solo interferem em como os povos vivem. “[...] a cultura, isto é, o conjunto de utensílio e de *know-how* que permite aos homens se apropriarem do meio[...]” (CLAVAL, 2007, p. 21).” Dessa forma, ele dedica um olhar importante ao fato cultural, mas eles são analisados sobre o prisma material, onde os utensílios, as técnicas e as necessidades mudam de uma civilização para outra (CLAVAL, 2007).

Na época, para os geógrafos alemães, a disciplina de Ratzel se tratava de uma descrição ambientalista, a qual não explicava a ocorrência dos fenômenos analisados. Eles estavam em busca de definir um objeto e conceituá-lo dentro da geografia cultural. Em 1907, Otto Schlüter traz uma nova concepção para a geografia humana, a *Kulturlandschaft* que se refere à paisagem cultural ou paisagem humanizada, onde a paisagem passa a ser vista como objeto da geografia. A disciplina estuda como o homem e seu modo de vida modelam a paisagem, visto que ela é transformada tanto pela natureza, quanto pela necessidade do homem (CLAVAL, 2007).

Até o início do século XX, os geógrafos alemães têm como objeto fundamental de pesquisa a análise da paisagem. O objetivo é compreender e descrever a gênese e a morfologia da paisagem tendo como foco principal a marca humana impressa na paisagem.

Na França, Vidal de La Blache parte da concepção de geografia humana proposto por Ratzel, se interessando pelas técnicas e equipamentos utilizados para modificar e explorar a paisagem, porém acrescenta que esses utensílios devem ser observados como componentes

do gênero de vida. “A noção de gênero de vida permite lançar um olhar sintético sobre as técnicas, os utensílios e as maneiras de habitar das diferentes civilizações: ela os organiza na sucessão dos trabalhos e dos dias [...] e assinala como se relacionam hábitos, maneiras de fazer e paisagens” (CLAVAL, 2007, p. 33).

Vidal de La Blache busca explicar os lugares, sem se concentrar sobre os homens. A análise dos gêneros de vida mostra como a alteração das paisagens reflete a organização do trabalho na sociedade. A concepção de gênero de vida introduz na geografia humana francesa uma lógica que estimula a integração de aspectos comportamentais cada vez mais variados e complexos (CLAVAL, 2007).

Na América do Norte, esse interesse alemão pela paisagem e pelas relações entre cultura e espaço eram ignorados. Se não fosse a Escola de Berkeley e seu principal expoente Carl Sauer, a geografia cultural teria sido completamente negligenciada nos Estados Unidos (CLAVAL, 2007).

Sauer viveu a experiência de um intercâmbio na Alemanha, onde se familiarizou com a língua e o pensamento alemão. Posteriormente, na Universidade de Chicago, aprende os métodos da geografia e entra em contato com as ciências naturais e a ecologia. Desde os anos 30, a Escola de Berkeley na Universidade da Califórnia e seus discípulos se aproximam da antropologia e sobretudo das sociedades de etnólogos e das grandes civilizações tradicionais. Nesse mesmo período produz o artigo *The morphology of landscape*, em que apresenta a sua concepção do estudo da geografia e confirma a influência do pensamento dos geógrafos alemães (CLAVAL, 2007).

Nossa seção ingenuamente selecionada da realidade, a paisagem, submete-se a múltiplas alterações. Este contato do homem e de seu domicílio, mutante, tal como se exprime através da paisagem cultural, é o nosso campo de estudo. Concerne a nós a importância que tem o sítio para o homem, e também as transformações que este impõe ao sítio. Em síntese, tratamos das interrelações do grupo, ou das culturas, com o sítio, tal como se exprime através das diversas paisagens da Terra. (Sauer, 1974 apud CLAVAL, 2014)

Sauer num primeiro momento vê a cultura como os geógrafos alemães, sendo um conjunto de utensílios que permitem ao homem agir sobre o meio. Mas, aprofundando sua visão, começa a ver que a cultura também é a associação das plantas e dos animais, que a sociedade utiliza para alterar a paisagem. E ainda afirma que a capacidade de gerenciar com

sabedoria o ambiente é um dos maiores traços que devem ser levados em consideração na análise cultural. Sauer concorda com os alemães na “transformação da paisagem natural em paisagem cultural” e resume que o interesse da geografia cultural seja pelas obras que o homem imprime na superfície terrestre, as quais conferem características próprias à área. (CLAVAL, 2007; SAUER, 1997)

Nas primeiras décadas do século XX os geógrafos interessados pelos fatos de cultura continuavam centrados no conjunto de técnicas e utensílios para explorar o ambiente. A modernização da economia causa grande impacto na sociedade e em como ela interage com o meio. Parte da população do setor secundário passa para o setor terciário, assim como a mudança e uniformização dos utensílios utilizados para alterar a paisagem. Como consequência, nos anos 50-60 as sociedades criadas a partir do gênero de vida desaparecem e surge um movimento de crítica, onde o modo de abordagem de descrever o mundo sem buscar entendê-lo é reprovado, condenando a geografia cultural (CLAVAL, 2007).

Porém, o desaparecimento da geografia cultural não ocorreu. Na década de 70, a geografia passa por uma profunda reformulação com oposições epistemológicas, metodológicas e teóricas. Esse novo contexto faz com que os geógrafos se interessem pela dimensão cultural dos fatos que observam, já que as técnicas passam a ser uniformes e repetidas, são as representações que merecem atenção (CLAVAL, 2007; CORRÊA; ROSENDHAL, 1998).

Todos esses esforços para modernizar as abordagens da geografia cultural buscam ultrapassar o nível descritivo e compreender a interpretação simbólica que os grupos e classes sociais dão ao ambiente. Uma nova abordagem, a qual apresenta a análise dos significados atribuídos aos espaços por diferentes grupos em diferentes momentos da história, atendendo as necessidades impostas pela nova realidade urbana onde é necessário elaborar estudos mais aprofundados da sociedade e dos indivíduos (CLAVAL, 2007).

Esses esforços convergem em 1986, quando se começa a falar em New Cultural Geography. Essa nova abordagem da geografia cultural representa uma ruptura com as orientações da antiga disciplina e manifesta uma forte curiosidade pelo pós-moderno. O lançamento da revista *Oecumene*, em 1994, simboliza o ressurgimento da geografia cultural (CLAVAL, 2007).

3.2 Conceito-chave: Paisagem

A ideia de aplicar à paisagem humana algumas das habilidades interpretativas que dispomos ao estudar um romance, um poema, um filme ou um quadro, de trata-la como uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados, é claramente estranha para nós.”(COSGROVE, 2004, p. 97)

Todo o processo na busca de definir e explicar a geografia fez com que fossem deixadas de lado as paixões que motivam a todos, pesquisadores ou não. Dessa forma, parte do significado impresso na paisagem tende a ser diminuído e visto como expressão impessoal relacionado com grupos de pessoas e movimentos econômicos. O termo paisagem, utilizado na pintura, literatura e design é impregnado de significados multifacetados (COSGROVE, 1998).

É um conceito que posiciona o homem no arranjo da natureza, lembra que somente através da consciência e da razão humana é possível fazer parte dela, com o emprego da técnica. “[...] paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho ou perda.”(COSGROVE, 2004)

No século XV, durante o Renascimento, é quando o termo, a ideia emerge, indicando uma releitura da relação entre o homem e o seu entorno, um conceito visual e um novo *modo de ver* o mundo. Neste período as artes e ciências, como a arquitetura, pintura e cartografia, estavam passando por um processo revolucionário, aplicando novas regras na busca da perfeição clássica. Entre elas está a invenção da perspectiva linear, o que possibilitou a reprodução realista do mundo em 3 dimensões para as telas planas de quadros. (COSGROVE, 2004).

No oriente, onde a palavra paisagem surgiu mil anos antes, Berque (2019) busca a etimologia da palavra paisagem para embasar o seu discurso, trazendo a discrepância da sua origem entre o oriente e ocidente. Na China, a ideia de paisagem não se reduzia à forma material do meio ambiente, como as montanhas e rios, mas era buscada a partir da sua matéria-prima, apareceu simultaneamente na poesia e na pintura e manteve a dimensão simbólica (BERQUE, 2019).

A paisagem apresenta concomitantemente diferentes dimensões conforme o pensamento epistemológico. A transição que ocorre com a Nova Geografia trouxe uma nova

abordagem da concepção de paisagem. A geografia tradicional refletia a paisagem como algo físico e objetivo, que pode ser observado e analisado de forma empírica. A partir da Nova Geografia, a paisagem cultural passou a ser vista como um conjunto de geração e propagação de significados. Entre as possíveis dimensões de estudo da paisagem, estão: a morfológica, a funcional, a histórica, a espacial e ainda a dimensão simbólica. Está última carregando significados, formas simbólicas densas de valores e memórias. (BELLENTANI, 2016; CORRÊA, 2011; CORRÊA; ROSENDHAL, 1998)

Paisagem é um termo complexo, que envolve formas, composição espacial, concepção do meio ambiente e intervenções humanas que modificam o contexto. Porém, não se trata somente do produto da transformação da natureza com emprego de técnicas e utensílios, envolve também a relação em sociedade, sentimentos e emoções. (CORRÊA, 2011; COSGROVE, 2004)

Sendo o homem o último agente modificador da superfície da terra, estudar os impactos de suas ações reforça que a paisagem cultural é o produto de um sujeito coletivo, ou seja, o fruto da intervenção do homem como sociedade sob a natureza. Em outras palavras, o produto da somatória entre o passar do tempo e ação cultural sobre a paisagem natural, (CORRÊA; ROSENDHAL, 1998; COSGROVE, 1998; SAUER, 1997) .

Camille Vallaux, que estudou a transformação de paisagens naturais e sua substituição por novas paisagens modificadas pela ação do homem, propõe que essas modificações podem apresentar diferentes graus de alteração da paisagem natural e esse pode ser um parâmetro para dimensionar o poder das sociedades humanas (SAUER, 1997).

Bellentani (2016) resume a paisagem como uma forma de representar e estruturar o mundo. O homem, tido como ator, confere valores simbólicos à paisagem através de representações textuais – ele estuda a paisagem como sendo um texto que pode ser lido. Os significados simbólicos impressos na paisagem se encontram no centro da investigação da geografia cultural. (BELLENTANI, 2016).

Para compreender os *múltiplos patamares de significados* que permanecem na paisagem vista como um *palimpsesto* (manuscrito em pergaminho com escritas superpostas), é necessário um exame da cultura que registrou tais manifestações e o conhecimento de suas origens, pois é nas origens da paisagem que compreendemos o processo histórico e as suas estruturas dentro do discurso sobre cultura e sociedade. Além

da capacidade de imaginação em incorporar a memória da cidade no espaço e no tempo em que a paisagem foi moldada. (ABREU, 1998; COSGROVE, 1998, 2004)

Através de suas pistas materiais, a paisagem mostra seu caráter histórico, esses *traços fósseis*, como chama Meneses (2002), permitem compreender as suas sucessivas expressões na paisagem ao longo do tempo até sua formação social nos dias de hoje. Esse caráter histórico da paisagem se relaciona também com os usos que foram atribuídos a ela ao longo da sua história, inclusive, é aí que se encontram os significados densos e profundos da paisagem. Para Fernand Braudel, a paisagem é mais do que um *palimpsesto*, se tratam de cicatrizes que devemos carregar e conservar na pele (MENESES, 2002).

A historicidade da paisagem diz respeito, também, ao uso que dela fizeram as sociedades ou segmentos sociais [...] nos usos é que se concentram os significados mais profundos da paisagem.” (MENESES, 2002)

A geografia cultural leva em consideração essas pistas materiais e a investigação dos vários estratos culturais de uma área, em que cada estrato, ou *marca*, espelha uma cultura. O objetivo da geografia cultural é definir a razão que atribui sentido à paisagem. O estudo se inicia com a cultura mais antiga, pois esta concebe a base do presente e fornece o fundamento de uma visão dinâmica. Lowenthal reforça essa necessidade do passado para lidar com as paisagens do presente (BERQUE, 2012; LOWENTHAL, 1975; SAUER, 1997).

A ideia de imprimir uma *marca* na paisagem surge com Berque. Ele considera que a paisagem existe em relação com um sujeito coletivo e apresenta seu duplo papel, em que ela pode ser uma *marca*, mas, também uma *matriz*. Quando ele fala em paisagem *marca*, ela está relacionada a uma grafia, ou ainda a *geo-grafia*, vista como a escrita da Terra por uma civilização. Essa *marca* é resultado dos processos culturais do sujeito coletivo/ sociedade – físicos, sociais e mentais. A paisagem *matriz* é tida como meio, que participa das relações entre a sociedade – que produz e reproduz guiada por uma razão - com o espaço e a natureza (BERQUE, 2012).

A paisagem cultural pode ser considerada poema, ou texto, onde os acontecimentos humanos ao longo da história são escritos, “é logoi, discurso da memória, da história e da cultura, e, como tal, paradigma de valores éticos e estéticos”. Andreotti ainda afirma “a paisagem exprime o homem, mas ao mesmo tempo faz o homem” (ANDREOTTI, 2012, p. 7).

As interpretações dos textos da paisagem podem ser feitas de várias maneiras, variam conforme as experiências de vida, os valores pessoais, o conhecimento cultural de cada leitor. Elas podem se distinguir entre grupos de leitura, e ainda entre leitores e autores. Independente do propósito do autor e das interpretações dos leitores, os textos de paisagem possuem seu próprio significado. Duncan (1988) traz que os textos da paisagem são um espaço em que o leitor se torna escritor, podendo vagar e divagar por um processo longo e interminável, onde o leitor é encorajado a deleitar-se, esculpindo, produzindo e reproduzindo os textos na paisagem (BELLENTANI, 2016; DUNCAN; DUNCAN, 1988).

A paisagem “is a way of seeing the world” e mais, é a construção e a composição desse mundo externo envolvido pela vivência do homem. Cosgrove ainda sugere que a paisagem representa uma forma específica de vivenciar o mundo, feita para alguns grupos sociais. Onde um grupo dominante procura comunicar e reforçar através da impressão na paisagem seu próprio papel social, suas verdades, suas experiências e seus valores culturais. O propósito é impor as normas culturais e reproduzir os valores do grupo em questão à toda a sociedade (COSGROVE, 1998, 2004).

Bellentani segue essa linha de raciocínio, afirmando que a paisagem expressa os significados de grupos de elite, suas necessidades e interesse. Dessa forma, a paisagem pode ser vista como instrumento utilizado para construir e controlar sua autoridade sobre a sociedade. Como identidade de grupos dominantes ou nações, a paisagem tem papel crucial como instrumento para a imposição dessas identidades (BELLENTANI, 2016; MENESES, 2002).

A experiência possível de se extrair da paisagem permite a criação de novos significados. Ela não deve se resumir apenas à morfologia, pelo contrário, ela se encontra carregada de significados, formas simbólicas densas de valores, memórias e experiências (CORRÊA, 2014). “Atualmente, o terrível futuro nos encobre; nós olhamos para trás para as velhas paisagens com medo que o conforto do passado possa estar desaparecendo diante dos nossos olhos”(LOWENTHAL, 1975, p. 1) .

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A geografia cultural, embora seja apenas um capítulo da vasta epistemologia geográfica, reflete o contínuo esforço por unidade conceitual em meio a um campo de pensamento que permanece plural e dinâmico. A polissemia do conceito de paisagem, mesmo dentro dessa subdisciplina, evidencia múltiplas abordagens metodológicas, concepções e relações. Como afirma Cosgrove (1998, p. 13), “embora a paisagem obviamente se refira à superfície da terra, ou uma parte dela, e, portanto, ao campo escolhido de investigação geográfica, ela incorpora muito mais do que meramente o arranjo visual e funcional dos fenômenos naturais e humanos que a disciplina pode identificar, classificar, mapear e analisar.”.

Essa natureza multifacetada da paisagem a torna um termo ambíguo e impreciso, desafiando os esforços para defini-la com a precisão exigida pelas ciências. No entanto, é justamente essa complexidade que enriquece o debate e a investigação, ampliando a compreensão da paisagem como fenômeno geográfico e cultural. Decodificar seus significados exige ultrapassar o mero estudo morfológico, abordando-a como um conceito que perpassa todas as realidades culturais e contextos.

A paisagem, como aponta Berque (2012, p. 240), deve ser compreendida por duas perspectivas complementares: por um lado, como algo “apreendido por uma consciência, valorizado por uma experiência, julgado por uma estética e uma moral, gerado por uma política”; por outro, como um elemento que também molda e determina “essa consciência, essa experiência, essa estética, essa moral, essa política”. Esse caráter dialético não só reforça a centralidade da paisagem nos estudos geográficos e culturais, mas também evidencia seu papel enquanto campo fértil para novas interpretações e diálogos interdisciplinares.

Dessa forma, estudar a paisagem é investigar as interações humanas com o espaço, refletindo as diversas formas de perceber, valorizar e transformar o ambiente em uma constante negociação entre cultura, política e identidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras- Geografia I**, Porto, v. XIV, p. 77–97, 1998.
- ANDREOTTI, Giuliana. O senso ético e estético da paisagem. **RA'E GA**, Curitiba, v. 24, n. 24, p. 5–17, 2012.
- BELLENTANI, Federico. Landscape as text. **Concepts for Semiotics**, Tartu, p. 76–87, 2016. Disponível em: <http://orca.cf.ac.uk/96406/>.
- BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, [S. l.], n. 65, p. 42–44, 2012.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 239–243.
- BERQUE, Augustin. **Onto/logique du paysage et dépassement de la modernité** Colloque AQAPA. Tours: Université de Tours, 2019.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3ª Edição ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre a Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, [S. l.], v. 0, n. 14, 2002. DOI: 10.12957/espacoecultura.2002.7476.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7–21, 2011.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 37–46, 2014.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Apresentando Leituras sobre Paisagem, Tempo e Cultura. In: **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 7–11.
- COSGROVE, Denis. The idea of landscape. In: **Social formation and symbolic landscape**. 2. ed. Wisconsin: University of Wisconsin, 1998. p. 13–38.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92–123.
- DINIZ, Debora. **Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa**. [s.l: s.n.]. Disponível em: www.anis.org.br.
- DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. (Re)reading the landscape. **Environment and Planning D: Society and Space**, Vancouver, v. 6, n. 1983, p. 117–126, 1988.
- LOWENTHAL, David. Past Time, Present Place: Landscape and Memory. **Geographical Review**, [S. l.], v. 65, n. 1, p. 1, 1975. DOI: 10.2307/213831. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/213831?origin=crossref>.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra De. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29–65.
- SAUER, Carl Ortwin. Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, p. 1–7, 1997.